

A Invenção da Violência (das Torcidas Argentinas de Futebol)

Renzo Taddei¹

Resumo²

Este artigo apresenta e analisa dados etnográficos coletados em Buenos Aires, junto a torcedores de futebol considerados violentos pelas forças policiais e pela mídia. A análise aborda a relação entre torcedores e a polícia. Usando o arcabouço teórico proposto por Roy Wagner em seu livro *A Invenção da Cultura*, o artigo argumenta que, em sua busca incessante por ordem e controle, a polícia projeta sobre as torcidas a imagem de agentes resistentes à autoridade policial, o que induz a uma neurótica escalada no uso da violência oficial. Os torcedores, por sua vez, buscam protagonismo através de feitos heroicos, como parte do seu processo de individuação, e veem as ações das forças policiais como impedimento para tanto, o que os leva a agirem de forma mais energética – histórica, nos termos de Wagner – em suas atividades de torcidas. Neurose e histeria são termos usados de forma específica, definidos no artigo. O texto discute também o importante papel dos intermediários nesse panorama, em especial os dos líderes de torcidas e policiais de distritos periféricos.

Palavras-chave: torcidas, futebol, violência, Argentina, polícia, Roy Wagner

Introdução

A violência não é uma entidade ontológica; é antes uma *acusação*, como argumentou uma série de autores (Garriga Zucal 2010; Graeber 2007; Misse 2008). A legitimidade do ato de agressão dá um caráter de invisibilidade à violência. Um ato de agressão física entendido com autodefesa, por exemplo, não é percebido como violento. Quando visível, ou mais exatamente, quando *enunciável*, a violência carrega em si a acusação de ilegitimidade. É por essa razão que a violência é algo que marca o outro; é parte constitutiva da construção da alteridade em contextos agonísticos.

Neste artigo, apresentarei e discutirei material etnográfico coletado entre torcedores de times de futebol argentinos acusados de sistematicamente comportarem-se de forma violenta: os chamados *barra brava*, e autodenominados *barra* ou *hinchada*. Minha análise não irá focar-se nas atividades cotidianas dos hinchas, mas, ao invés disso, na complexa relação entre os grupos de torcedores e a polícia, relação esta que inclui processos nos quais certas percepções da violência são amalgamadas, com implicações importantes para todos os

¹ Professor adjunto da Universidade Federal de São Paulo. Doutor em antropologia pela Universidade de Columbia, Nova York. A pesquisa que deu origem a esse texto foi financiada por bolsa de doutorado no exterior do CNPq.

² Trabalho apresentado no *II Simpósio Internacional de Estudos sobre o Futebol*, São Paulo, maio de 2014.

envolvidos. Usando o marco teórico apresentado por Roy Wagner em seu livro *The Invention of Culture* (1981), irei demonstrar que torcedores e o par polícia-mídia possuem atitudes e interpretações *opostas* sobre as ações e objetivos dos torcedores. De forma condensada, meu argumento se estrutura da seguinte maneira: ao objetivar níveis inatingíveis de controle e ordem pública, a polícia argentina vive em constante estado de *neurose*. Ao mesmo tempo, impulsionados por um etos ligado à vontade de protagonismo heroico individual, que é sistematicamente desarticulado pela polícia, os torcedores vivem em permanente estado de *histeria*. Naturalmente, neurose e histeria são conceitos que requerem definição, o que será apresentado, com base no trabalho de Wagner, ao longo do argumento.

A combinação de tais fatores faz com que a quantidade e intensidade de atos de agressão física no universo das torcidas de futebol argentinas aumente, ao invés de diminuir. Dado o fato de que grande parte de tais atos de agressão são levados a cabo pelas forças policiais, o agente social com autoridade oficial para definir o que constitui ou não violência, as estatísticas públicas raramente refletem o mundo real.

Eu conduzi trabalho de campo de caráter etnográfico durante o inverno argentino de 2001³, no bairro de Mataderos, na periferia de Buenos Aires, junto à torcida do Clube Atlético Nueva Chicago.

Neuróticos e histéricos

O universo das torcidas é complexo demais para abordagens monolíticas. De maneira geral, a literatura sobre as torcidas argentinas se organiza em torno dos seguintes eixos: formação de identidade grupal e sentimento de pertencimento (Alabarces 1992; Alabarces *et al.* 2000); educação emocional e reprodução do habitus masculino (Moreira 2007, 2008; Garriga Zucal 2009, 2010, 2012; Gil 2008a, 2008b); rituais nacionalistas (Archetti 1999); reação contra o aburguesamento da sociedade (Alabarces *et al.* 2000; Alabarces and Rodriguez 1996); arena de manifestações políticas (Galeano 1968, 1995; Sebreli, 1981); demonização da juventude empobrecida como manobra política das elites (Taddei, 2002). Tudo isso é, de fato, parte do complexo social das torcidas de futebol. Nesse trabalho, no entanto, usarei uma abordagem distinta, inspirada pela obra de Wagner (1981) e marcada por uma dialética processual não explicitada nos demais trabalhos.

Não tentarei sumarizar as muitas ideias que compõe o trabalho de Wagner, mas apenas indicar quais se mostram mais úteis para o meu argumento. Wagner centra suas análises nas formas através das quais significados são criados através de interações no mundo

³ Visitei o bairro novamente nos invernos de 2002 e 2011.

– e toma o conceito de interação de modo que extrapola sua dimensão meramente “social”. Há dois mecanismos principais nos processos de formação de significados: os processos *convencionais* e os *diferenciantes*. Ambos, no entanto, existem em relação dialética com o outro.

Símbolos convencionais (palavras, leis, códigos morais, rituais) são baseados em significados compartilhados, e têm, portanto, uma natureza coletivizante. Adicionalmente, criam um contraste entre os símbolos e as coisas simbolizadas – o que nos faz perceber tais símbolos como convencionais (Wagner 1981: 43). Símbolos diferenciadores (feitos heroicos, arte de vanguarda, buscas por visões míticas em processos de formação da identidade individual), por sua vez, trabalham na direção oposta: funcionam como metáforas inventivas, individualizantes, e assimilam a coisa simbolizada.

Adicionalmente, a atenção consciente do indivíduo se concentra em um desses modos de simbolização, o que Wagner chama de “controle”. Enquanto o indivíduo sente-se mais ou menos capaz de controlar tal modo, o outro será percebido como algo “natural” ou “interno”, como uma forma de “compulsão”. E, em terceiro lugar, isso se estende à coletividade: culturas e grupos sociais favorecem um ou outro de tais modos de simbolização, como domínio próprio da agência humana, e reduzem o outro a uma expressão do que é “inato” ou “dado” (1981: xv).

Outro conceito fundamental da obra de Wagner é o de *objetificação*. Algo que rompe ou desorganiza os fluxos existenciais, nos quais eventos e expectativas existem num equilíbrio delicado, demanda compreensão, e isso é geralmente construído através de projeções metafóricas. O resultado de tal processo é uma objetificação, uma reificação que provê significado ao evento desorganizador, de acordo com as redes de significado existentes e nas quais o agente se encontra – rede que é, ela mesma, transformada no processo. Wagner chama esse processo de “invenção”. Nossos sistemas conceituais, corpos, ferramentas, pulsões e sonhos funcionam como aparatos mediadores, que usamos para produzir significado, e isso se dá quando contrapomos tais aparatos aos fluxos da realidade. Nossas “coisas” e “conceitos” são as marcas que a realidade deixa em nossos sistemas de simbolização (1981: 72). Desta forma, o significado é sempre relacional (1981: 39).

A cultura passa então a ser a estratégia usada pelo sujeito para dar sentido à situação de choque cultural. Através de uma série de objetificações que são parte da tentativa de solucionar os dilemas existenciais do encontro com a alteridade radical, o sujeito “inventa” a cultura do outro, ao mesmo tempo que inventa a sua própria; o outro faz o mesmo, mas de forma diferente (Wagner 1981: 12).

As convenções e invenções são dimensões importantes no processo de objetificação. Símbolos convencionais dão ao mundo ordem e padrão, e separam os princípios de ordenamento das coisas ordenadas; os processos de simbolização diferenciadores, inventivos, criam distinções, descontinuidades, singularidades. Na relação dialética dessas formas de simbolização, o coletivo precisa atribuir sentido à inovação, e a inovação transforma as redes de significado da coletividade (1981: 44). Toda objetificação, desta forma contra-inventa seu oposto. Mas esse é um fato da semiose que precisa ser mantido fora do campo de percepção dos agentes simbolizadores; caso contrário, a “relativização” dos significados desorganizaria padrões semióticos estabelecidos. Por essa razão, as culturas tendem a focar sua atenção e ações numa das dimensões (o controle), e designar a outra como parte da realidade que é inata ou dada de antemão. O agente, usando um controle específico, percebe as objetificações que esse controle produz como as coisas que está “fazendo”, enquanto a outra forma de objetificação será entendida como a causa ou motivação para as suas ações (1981: 45).

Wagner exemplifica através das convenções existentes ao redor do que constitui um casamento ou uma família para a classe média branca norte-americana. Seguindo uma série de expectativas culturais compartilhadas a respeito do que significa ser “um bom marido”, ele participa, com sua esposa, na atividade de “construir um casamento”. No entanto, ao controlar suas ações no sentido de se focar nos significados convencionais associados ao que deva ser uma família, no final ele terá a ilusão de que o produto complexo da sua invenção, com sua esposa, é uma “coisa em si mesma” (1981: 47). A objetificação do símbolo convencional é então mascarada pela forma como eles identificam suas intenções com as convenções. Idiosincrasias pessoais e a indeterminação inerente à vida cotidiana criam resistências a tal empreendimento, e têm o efeito de motivar o direcionamento de mais energia ao esforço coletivo e coletivizante (1981: 47). A tensão entre a convenção e a realidade funciona como mecanismo que impulsiona o sujeito agente para adiante.

Se, por outro lado, se devido a uma crise conjugal, por exemplo, ele decidisse “agir como homem” e se comportar de modo a diferenciar suas ações das de sua esposa, isso se constituiria numa reversão no modo de simbolização (1981: 58). No entanto, diz Wagner, em sua cultura de classe média branca, dada a predominância do regime convencionalista, e, conseqüentemente, à associação do indivíduo e dos impulsos individuais a dimensões naturais inatas, tal comportamento correria o risco de ser visto como forçado, não natural, e, no limite, patológico. Quando a personalidade interfere na experiência convencional, a ponto de ameaçar a invisibilidade do modo de simbolização tido como “natural”, as culturas

ocidentais acionam outros mecanismos convencionais de proteção, como a psicanálise ou a psiquiatria, de modo a trazer a situação ao estado “normal”.

Em sociedades onde a moralidade é foco de ação deliberada e explícita, a relativização dos controles, sua extensão para além dos limites suportados pelos arranjos semióticos estabelecidos, geram “falsas” convenções, na forma de neuroses – ou seja, a criação de convenções privadas que “permitem (e exigem) que o neurótico satisfaça a imagem de si que deseja” (1981: 97). A pessoa cujo casamento, por exemplo, está em crise pode direcionar sua atenção para longe de modelos convencionais de casamento, em direção a outras construções convencionais, como a limpeza ou a saúde, e se dedicar neuroticamente à limpeza do próprio corpo ou da casa, ou a exercícios físicos.

Em sociedades não ocidentais, bem como nos grupos étnicos e religiosos, entre os despossuídos, e entre as elites artísticas nas sociedades ocidentais (1981: 80), é o modo diferenciante, inventivo que existe como controle, enquanto os símbolos convencionais são os que são tomados como dados. Em muitas sociedades tribais, por exemplo, os indivíduos entendem seu pertencimento ao grupo étnico como não problemático, mas como algo natural, implícito, enquanto o processo de individuação, de encontrar o próprio espírito ou guias espirituais individuais, é tratado com grande atenção (1981: 94). Como no caso de sociedades que tem símbolos convencionais como controles, mas de forma reversa, a confrontação entre as convenções e os imponderáveis da vida cotidiana reforçam idiosincrasias pessoais; o embate contra as convenções fazem os indivíduos mais poderosos e únicos (1981: 88). Os padrões de objetificação são, também, reversos: enquanto os ocidentais convencionalistas “inventam” o mundo dos fenômenos através de seu esforço em prevê-lo, racionalizá-lo e ordená-lo (1981: 87), não ocidentais e grupos marginais criam sua ordem convencional como algo inato ao se chocarem constantemente contra ela.

Em tais circunstâncias, se a ordem convencional que sustenta os processos de diferenciação é desequilibrada, e a relativização dos padrões semióticos estabelecidos ocorre – com os agentes envolvidos sentindo a ameaça do caos que essa desorganização implica –, a simbolização “falsa” assume a forma de histeria. Enquanto o neurótico fabrica uma falsa ordem convencional, o histérico fabrica “poderes inatos que irão permitir (e em última análise exigir) que ele viva em certo estado social especial” (1981: 97). Transe, enfermidades, possessão, perda de espírito, são manifestações físicas comuns neste estado de coisas.

Essa divisão dicotômica não deve, no entanto, ser tomada de forma definitiva, devido à forma como existem em relação dialética. Processos convencionais e diferenciadores operam

ao mesmo tempo, dado que um não existe sem o outro. A diferença existe no que diz respeito a qual dos processos o grupo social direciona sua atenção consciente e tenta controlar. No processo de tornar-se um adulto ocidental, por exemplo, a criança ou adolescente experimenta ambos os processos ao mesmo tempo: a personalidade é manipulada como controle diferenciante, e ao mesmo tempo é constantemente pressionada para adotar símbolos convencionais como princípio condutor da vida. O risco de neurose está sempre presente; de fato, os amigos imaginários das crianças pequenas são manifestações desse princípio que Wagner chama de neurose, ainda que de forma não patológica, quando as crianças veem seus impulsos inventivos confrontados com normas sociais externas (1981: 83).

De forma semelhante, em contextos sociais onde a diferenciação funciona como controle, o processo do aprendizado para tornar-se membro do grupo constitui-se de batalha contínua contra a histeria (1981: 97). A situação é intensificada em momentos de crise ou transicionais. O indivíduo é colocado numa situação de *double bind* (1981: 97; Bateson 2000), onde ele deve respeitar as convenções do grupo (evitando coisas associadas ao pecado, à vergonha e à poluição), e ao mesmo tempo se vê na obrigação de envolver-se em atos pecaminosos, vergonhosos ou contaminadores. E, se em circunstâncias normais o processo de tornar-se membro do grupo envolve a criação e a superação de sintomas histéricos, o meio de tornar-se especialmente poderoso ou sábio envolve “sucumbir completamente à histeria, de forma a superar suas limitações” (1981: 101).

Após essa apresentação esquemática de algumas das ideias de Wagner, tentarei agora demonstrar como elas podem iluminar a análise dos dilemas sociais presentes no mundo das torcidas de futebol – com especial atenção à questão da violência –, através da exploração de dados de campo etnográficos. Meu argumento é, basicamente, o seguinte: enquanto o Estado argentino busca, neuroticamente, exercer controle burocrático e impor ordem à população em geral (Graeber 2006, 2007), os torcedores vivem em estado de constante histeria, em sua busca por heroísmo e glória. No meio campo, entre o Estado e os torcedores, dois outros agentes operam a relativização dos modos de simbolização, produzindo, desta forma, a neurose e a histeria mencionadas: as forças policiais e a mídia. A polícia é a forma como o Estado encontra corporificação nas regiões marginais do país; o jornalismo, dados os esforços das elites na separação física e simbólica entre as classes, é o que media as imagens dos torcedores que informam as classes médias e altas. A atividade policial sinaliza aos grupos de torcedores que seus esforços de individuação não são aceitos pela sociedade argentina em geral, o que leva os torcedores a aumentar a energia dedicada a “tornarem-se homens” ou “defenderem a honra do grupo”, ao ponto do comportamento agonístico. Por outro lado, a

mídia, que tem nas forças policiais seu principal informante sobre questões ligadas à violência das torcidas, mostra constantemente às classes médias e altas que seu mundo ordenado e sanitizado é uma construção frágil, o que leva a pressões por aumento de investimentos em vigilância e policiamento, mais medo da violência, e eventualmente mais comportamento agressivo “preventivo” performatizado pela polícia contra torcedores, indiscriminadamente, o que aumenta o ressentimento contra o Estado em bairros periféricos.

Torcedores e policiais na República de Mataderos

Ao invés de descrever em detalhes o universo sociocultural das torcidas argentinas – há uma rica literatura disponível a esse respeito –, irei narrar três eventos, retirados de minhas notas etnográficas, que ilustram como ordem e violência são construídas na vida cotidiana dos atores envolvidos – especialmente torcedores, policiais e jornalistas.

No inverno de 2001, a rotina semanal dos líderes do principal grupo da torcida do Nueva Chicago era basicamente a seguinte: inicialmente, eles visitavam os frigoríficos localizados ao redor do mercado de gado (localizado no prédio do matadouro), cujos proprietários eram membros da diretoria do clube, e ali colhiam doações de carne, dinheiro para a locação dos ônibus, no caso de partidas futuras localizadas fora de Buenos Aires, e ingressos para entrar no estádio. Os líderes visitavam também os jogadores após os treinamentos, nos vestiários, e coletavam com eles doações em dinheiro e outros bens (como camisas).

Um ou dois dos principais líderes ia, então, à delegacia de polícia do bairro, para uma reunião com o delegado. Eles solicitavam permissão para entrar no estádio com tambores e bandeiras, o que havia sido anteriormente proibido na cidade de Buenos Aires. O delegado analisava o risco associado com a partida em questão, considerando o histórico de combates entre as torcidas envolvidas e o atual estado de inimizade e, exceto em partidas consideradas de alto risco, consentia na entrada de alguns tambores e pequenas bandeiras, mas com a condição de que os líderes garantissem que controlariam os mais jovens e que não haveria combates na entrada ou na saída do estádio. Os líderes então davam sua palavra de que iriam fazer o possível nesse sentido.

Aos sábados, as partidas se iniciavam às quatro da tarde. Durante a semana, os líderes espalhavam a notícia de que haveria churrasco na sede do clube. Por volta do meio dia, os membros da torcida começavam a chegar. Os sanduíches de hambúrguer ou linguiça eram distribuídos gratuitamente a todos os presentes. Em um dos churrascos, contei cerca de trezentas pessoas. Após o churrasco, os torcedores caminhavam em direção ao estádio,

localizado a nove quadras da sede. Em 2001, antes de reformas posteriores, o estádio tinha a capacidade para dezoito mil torcedores.

Muitos torcedores viviam em Ciudad Oculta, a maior favela da capital argentina, localizada a poucas quadras do estádio. No momento da entrada no estádio, o líder distribuía ingressos para outros membros da torcida, em especial para aqueles que notoriamente não podiam pagar.

Em uma entrevista, perguntei a um líder a razão pela qual ocorria o churrasco e a distribuição dos ingressos. Sua resposta foi:

“Se esses garotos entram no estádio de estômagos vazios porque não tem o que comer, e ainda pior, se estão frustrados porque estão com fome e não tem dinheiro para o ingresso, a probabilidade de confusão nas ruas ao redor do estádio é muito maior. Nós damos comida e colocamos eles dentro do estádio, nas arquibancadas, onde eles vão cantar, saltar e se cansar, e aí nada vai acontecer no final. A menos que sejamos atacados por outra torcida. Se isso acontece, todos vamos nos defender, líderes e a garotada, lado a lado”.

Numa ocasião, um oficial da polícia me descreveu da seguinte forma a questão da violência das torcidas:

“O problema não são os líderes, mas os mais jovens. Eles pensam que têm que se comportar de forma agressiva para se tornar líderes da torcida, mas isso é um erro. Os líderes têm muito a perder se a situação sai de controle. Como líderes, eles têm privilégios, ganham dinheiro. Se a situação se complica e alguém morre, eles estão ferrados. É por isso que os líderes tentam controlar a molecada mais nova”.

De fato, observei vários líderes preocupados com a questão da violência e tentando controlar os mais jovens. Mas têm que fazê-lo de forma muito sutil, para que não passem a ser vistos como cooptados pela polícia, ou enfraquecidos em sua masculinidade. Desta forma, eles controlavam estrategicamente espaços, tempos e recursos. Enquanto o ambiente discursivo era, em geral, bastante agonístico, os líderes procuravam se assegurar que as variáveis que poderiam provocar uma crise estavam devidamente controladas.

O segundo episódio é a descrição da prisão de torcedores. Ela me foi narrada por Agustin⁴, um jovem professor de ensino médio e filho de um professor da Universidade de Buenos Aires. Agustin é torcedor do clube River Plate. Ele não é membro da hinchada, mas é frequentador assíduo dos estádios, e frequentemente se posiciona próximo ao grupo principal da torcida. Os eventos descritos ocorreram em 1994, na mesma partida em que dois

⁴ Nome fictício.

torcedores do River foram mortos. O combate entre as torcidas havia ocorrido, mas Agustin não sabia nada a respeito, pois estava em outro local, nos arredores do estádio. Policiais o abordaram e deram voz de prisão. Ele disse que estava vestindo roupas velhas, como faz quando vai a estádios, e tinha cabelos longos e barba. Ele foi então colocado dentro de um caminhão, com pequenas celas, cada uma com quatro pessoas espremidas umas contra as outras. Um policial dizia o tempo todos que eles iriam apanhar na delegacia. Ninguém havia dito, em momento algum, porque eles haviam sido presos.

Ao chegar à delegacia, foram levados para um grande salão, onde se sentaram no chão. Ele diz que havia cerca de oitenta garotos ali, todos homens. Eles ali permaneceram por cerca de quatro horas, quando o pai de alguém que ele mal conhecia foi à delegacia e tirou o próprio filho e Agustin. Ele nunca soube a razão pela qual foi preso, mas acredita que a polícia prendeu torcedores de forma aleatória de modo a dizer à imprensa que havia tomado as devidas atitudes em relação ao combate que ocorrera. Nestas situações, a “verificação de antecedentes” – isto é, a consulta dos arquivos da polícia para a certificação de que a pessoa não é procurada ou foragida – é a razão oficial pela qual a maioria dos torcedores é presa dentro e fora dos estádios. A lei⁵ que permite à polícia o direito de prender alguém sem qualquer razão formal, e manter o indivíduo preso por até doze horas, é um recurso jurídico criado na ditadura militar de 1955-1958, e que nunca foi abandonado.

E, finalmente, uma descrição, também retirada de meus dados de campo, da noite em que o clube Boca Júniors disputou com o mexicano Cruz Azul a fase final da Copa Libertadores da América, no estádio do Boca, no dia 30 de junho de 2001. Cinquenta e quatro mil ingressos haviam sido vendidos, não havendo mais ingressos disponíveis, e muitos torcedores do Boca ficaram sem a possibilidade de ver a partida no estádio. Protestos haviam sido veiculados pela imprensa, de torcedores exigindo mais ingressos. A poucos dias da partida, o chefe de polícia de Buenos Aires foi à TV e disse que os torcedores que não tinham ingressos não deveriam ir ao estádio.

Na noite da partida, setecentos policiais haviam sido destacados para o estádio, muitos com cavalos e cães. Em frente ao portão número 12, o delegado de polícia encarregado daquela área tinha em suas mãos um megafone, e através dele dizia repetidamente para os torcedores que formavam uma imensa fila – de mais de quinhentos metros, e ocupando a calçada de vários quarteirões – que estes deveriam levantar seus ingressos ao ar, de modo que

⁵ Lei 12155 de 15 de julho de 1998, da Província de Buenos Aires, artigo 9; substituída pela lei 13472, artigo 15, de 26 de junho de 2006; o item sobre as prisão para averiguação de antecedentes permaneceu intocado. O recurso de verificação de antecedentes foi criado em 14 de janeiro de 1958, através do decreto-lei 338/58.

os policiais pudessem vê-los. Policiais iam andando ao longo da fila e verificando a existência dos ingressos; os torcedores que não possuíam ingresso eram retirados violentamente da fila e golpeados ali mesmo, com socos, chutes e golpes de cassetete. Em seguida, um policial preenchia um formulário com os nomes e números de cédulas de identidade dos detidos, e estes eram então colocados dentro de um caminhão.

Na manhã seguinte, o jornal Olé, o mais importante jornal dedicado exclusivamente aos esportes na Argentina, descreveu a noite anterior nos seguintes termos: “Ao longo da noite, houve confusão em diversos lugares do país, com grande destruição de propriedade e mais de 350 indivíduos presos: 290 por estarem envolvidos em incidentes e para averiguação de antecedentes, e cerca de 60 por posse de entorpecentes”.

A Invenção da Violência

A virtude da abordagem de Wagner no contexto dos estudos sociais das torcidas de futebol está no fato de que ela articula, de forma interessante, elementos que em outras abordagens parecem fragmentários. As divisões de classe criam o contexto para a construção da alteridade de forma que transformam as relações sociais em embates violentos. As classes médias, em seu medo das desordens simbólica e física, não veem outra coisa quando olham para as torcidas – eles, portanto, objetificam a violência das torcidas, ou inventam-na, para usar o termo de Wagner.

De acordo com Garriga Zucal (2012), uma das principais narrativas dos policiais de Buenos Aires no que diz respeito à sua relação agonística com torcedores não está relacionada a estes infringirem leis, mas à necessidade da manutenção de distinções hierárquicas e do respeito à autoridade da polícia (2012: 56). Analisando o conflito entre policiais e manifestantes anti-globalização nos Estados Unidos, David Graeber encontrou o mesmo fenômeno: “Se você quer que um policial aja de forma violenta, a forma mais fácil é *desafiar o direito dele de definir a situação*. Isso é algo que raramente um assaltante faz” (2007: 31). Definir a situação: é exatamente o ponto central dos rituais de individuação das torcidas. Isso explica porque se prolifera a violência oficial: como a cultura das torcidas rejeita a dominação simbólica do Estado, a hegemonia tem que ser construída através de agressão física direta (Graeber 2006, 2007). Nesse sentido, as narrativas que transformam a juventude pobre em bodes expiatórios são parte da reação neurótica do Estado, e das classes médias às quais este serve, aos seus próprios pesadelos.

A juventude de áreas empobrecidas que compõem as principais torcidas está em busca de *protagonismo*: um termo frequentemente usado pelos torcedores, em suas

manifestação e símbolos, que tem a conotação de participação na ação heroica vitoriosa (do time), e ao mesmo tempo de estar no centro do palco, ter visibilidade. Quando os torcedores imaginam o Estado, este tem como principal qualidade a de ser um impedimento, restringindo sua mobilidade e liberdade, e fazendo com que o protagonismo seja muito mais difícil. A proibição da entrada nos estádios com tambores e bandeiras, a forma como os policiais acabaram por substituir outras torcidas como principal adversário em combates de rua (Garriga Zucal 2012; Taddei 2001), e a violência aleatória com que a polícia trata os torcedores na entrada dos estádios são elementos que estimulam a energia agonística das torcidas, fazendo-os mais focados em sua busca por protagonismo, e desta forma mais dispostos a se envolverem em combates, a maioria dos quais contra forças policiais.

A situação só não é completamente explosiva em função da mediação de uma segunda classe de intermediários que funcionam de forma contrária aos mencionados no início desse texto (polícia e mídia): trata-se dos líderes das torcidas que se preocupam com ordem, e oficiais da polícia das delegacias dos bairros de periferia que fazem concessões a respeito dos rituais de individuação que os torcedores consideram importantes. Quando retornei a Mataderos, depois de dez anos desde minha primeira visita, me impressionou o fato de que praticamente todos os indivíduos que tinham papel de destaque na torcida em 2001 eram agora líderes comunitários, sindicalistas ou políticos locais. O que sugere que, na dialética entre invenção e convenção de Wagner, o líder ou político comunitário funciona de forma análoga ao papel do xamã das populações ameríndias mencionadas por Viveiros de Castro (2002): da mesma forma como o xamã é o único capaz de transcender sua forma humana, o líder comunitário consegue transcender os poderes restritivos dos controles de simbolização, e navegar da convenção à invenção e vice-versa, de forma muito mais fácil do que os atores em outras posições sociais.

Bibliografia

- Alabarces, Pablo and Rodriguez, Maria Graciela. 1996. *Cuestion de pelotas: futbol, deporte, sociedad, cultura*. Cap. Federal, Argentina: Atuel.
- Alabarces, Pablo *et al.* 2000. Aguante y represión. Fútbol, violencia y política en la Argentina. In Alabarces, Pablo (coord.), *Peligro de gol, Estudios sobre deporte y sociedade en América Latina*. Buenos Aires: Grupos de Trabajo de CLACSO, Deporte y Sociedad.
- Alabarces, Pablo. 1992. "Fútbol y culturas: una introducción". In AA.VV., *Fútbol y Cultura. Deporte, vida cotidiana, política y alienación*. Buenos Aires: Ediciones Cursos Universitarios.
- Archetti, Eduardo P. 1999. *Masculinities: football, polo and the tango in Argentina*. Oxford: Berg.
- Bateson, Gregory. 2000. *Steps to an ecology of mind*. Chicago: The University of Chicago Press.

- Galeano, Eduardo. 1968. *Su majestad el fútbol*. Montevideo: Arca.
- Galeano, Eduardo. 1995. *Fútbol a sol y sombra*. Buenos Aires: Catálogos.
- Garriga Zucal, José. 2009. Violencia e identidad: las hinchadas de futbol en la Argentina. *Urvio, Revista Latinoamericana de Seguridad Ciudadana*, No. 8, Quito, Septiembre 2009, 101-016.
- Garriga Zucal, José. Violencia: un concepto difícil de asir. *Antropolítica*, Niterói, n. 29, p. 225-241, 2. sem. 2010.
- Garriga Zucal, José. 2012. "Un té de Pirelli" - Los sentidos de la violencia para la policía de la provincia de Buenos Aires. *Questión*, Vol. 1, N.º 33 (Verano 2012), pp. 46-58.
- Gil, Gastón Julián. 2008a. La pasión según Aldosivi. El "otro" y los combates por la identidad. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 137-164, jul./dez. 2008.
- Gil, Gastón Julián. 2008b. Criminalización, arbitrariedad y doble militancia. La policía y la violencia en el fútbol argentino. *Revista de Estudios Sociales* No. 31, Diciembre de 2008, Bogotá, pp.132-145.
- Graeber, David. 2006. *Beyond Power/Knowledge: an exploration of the relation of power, ignorance and stupidity*. Malinowski Lecture, London School of Economics and Political Science, Thursday 25 May 2006
- Graeber, David. 2007. On the phenomenology of giant puppets: broken windows, imaginary jars of urine, and the cosmological role of the police in American culture. In *Possibilities: Essays on Hierarchy, Rebellion, and Desire*. Edinburgh: A K Press, pp. 375-418.
- Misse, Michel. 2008. Dizer a violência. *Revista Katálisis*, 11(2), 165-166.
- Moreira, Maria Verónica. 2007. Etnografía sobre el honor y la violencia de una hinchada de fútbol en Argentina. *Revista Austral de Ciencias Sociales* 13: 5-20, 2007
- Moreira, Maria Verónica. 2008. "Buenos luchadores y grandes hombres": poder y política de una hinchada de fútbol en Argentina. *Questión*, Argentina, 1, dic. 2010. Disponible en: <http://bit.ly/1cBNpXV>. Fecha de acceso: 24 jun. 2012.
- Sebreli, Juan José. 1981. *Futbol y masas*. Buenos Aires : Editorial Galerna.
- Taddei, Renzo. 2001. *Soccer Passion and Violence in Argentina. Ethnographical notes on soccer fandom in Buenos Aires*. Paper presented at the Anthropology Programs Colloquium, Teachers College, Columbia University, Fall 2001.
- Taddei, Renzo. 2002. Notas sobre la economía política de categorías y denominaciones en el fútbol argentino. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, Year 8, No. 55, December 2002. Available at < <http://www.efdeportes.com/efd55/categ.htm>>.
- Viveiros de Castro, Eduardo. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. In *A Inconstância da Alma Selvagem*. São Paulo: Cosac Naify, 2002, pp. 345-399.
- Wagner, Roy. 1981 [1975]. *The Invention of Culture*. Chicago: University of Chicago Press.